



Proposta de Abordagem Midiática sobre Ciência: como escrever sobre transgênico?¹

Cellayne de SOUSA²
Claudiane SANTIAGO³
Tatiara FERRANTI⁴
Cenira SAMPAIO⁵

Universidade da Amazônia, Belém, PA

RESUMO

Este artigo pretende propor uma nova abordagem científica na mídia. Para isso, serão apresentadas algumas técnicas jornalísticas indispensáveis para a construção do texto jornalístico, como o uso de explicação de termos técnicos e de exemplificações. Como proposta de análise adotou-se o assunto transgênico pelo fato de o Brasil ser o segundo maior país produtor de transgênicos do mundo. Entender questões referentes aos alimentos geneticamente modificados segundo a ótica de vários autores foi indispensável para iniciar a discussão e apresentar propostas de como os *mass media* podem abordar principalmente esse assunto científico de forma eficiente. Constatou-se que os cientistas não chegaram a uma conclusão se os alimentos transgênicos são, ou não, benéficos à saúde humana. Por isso, esse assunto é importante para alertar a população sobre o consumo desses alimentos dispostos no mercado.

PALAVRAS-CHAVE: transgênico; mídia; ciência.

1- Introdução

Esporadicamente os veículos de comunicação pautam o tema transgênico. Isso acontece quando surgem novas descobertas relacionadas aos benefícios ou malefícios advindos dos Organismos Geneticamente Modificados (OGM). Sabe-se que os transgênicos estão por toda parte, mas ainda pairam dúvidas do que exatamente é, onde eles podem ser encontrados, qual a procedência desses alimentos e como eles afetam a sociedade. Logo, a pesquisa também pretende esclarecer à sociedade civil o que são OGMS, como identificá-los e quais os riscos ou benefícios que os transgênicos trazem ao homem.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade da Amazônia – Unama. Email: cellayne7@hotmail.com.

³ Bacharel em Jornalismo pela Universidade da Amazônia – Unama. Email: cllausantiago@gmail.com.

⁴ Bacharel em Jornalismo pela Universidade da Amazônia – Unama. Email: tatiaraferranti@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Unama, email: ceni_samp@yahoo.com.br.



Nessa perspectiva, a necessidade do estudo é apresentar, a partir da análise de assuntos referentes aos transgênicos, alternativas de como os temas relacionados à ciência e ao meio ambiente podem ser abordados pela mídia. Apresentam-se as evidências que comprovem a deficiência dos discursos midiáticos sobre questões científicas e ambientais e as implicações que os transgênicos acarretam na sociedade brasileira.

Para analisar as controvérsias dos transgênicos e apresentar propostas de melhorias nas coberturas midiáticas sobre as temáticas científica e ambiental, foi necessário um caminho de estudo que se adequasse às necessidades do assunto. Segundo Lago e Benetti (2007, p.1), os métodos são mais que uma ferramenta que direciona o estudo, é o principal meio para que se mostre a validade do estudo científico. Para isso, o artigo foi baseado em entrevistas com especialistas da área e em consultas de literaturas sobre o assunto fornecidas por profissionais da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), de Belém, PA. No mais, foram utilizados artigos científicos via internet e trabalhados em sala de aula na disciplina Jornalismo Ambiental, do curso de graduação.

Buscou-se uma vasta revisão de literatura, obras, revistas, jornais, dentre outros meios para compreender melhor os transgênicos e suas conseqüências para a sociedade. A pesquisa procurou identificar o comunicador que constrói o discurso para a sociedade mediante as regras e os mecanismos lingüísticos utilizados.

O presente artigo também se propõe a responder a várias questões levantadas e, ainda, apresentar propostas de como e por que melhorar a abordagem jornalística sobre o assunto. Visa, inclusive, tornar a linguagem científica e ambiental acessível ao grande público e à sociedade para que haja maior interação entre ambos. Só depois de conhecer o que é transgênico, as pessoas podem decidir e avaliar o que deve ou não ser consumido.

Para Martho e Amabis (2004, p. 71), os organismos que recebem e incorporam genes de outra espécie são chamados de transgênicos. São plantas e animais que tiveram sua composição genética modificada em laboratório, que se encontram em distintas situações devido as suas peculiaridades. O processo consiste na transferência de um gene responsável por determinada características para outro gene que se deseja incorporar tal característica via engenharia genética, a área que estuda os genes.

A interferência biotecnologia do homem na natureza é discutida pela corrente de cientistas que defende a comercialização, alegando que o alimento geneticamente modificado não representa perigo à saúde humana e ao meio ambiente. Os ambientalistas e cientistas contrários à comercialização exigem pesquisas aprofundadas sobre o tema. Em meio a tanta polêmica quanto à comercialização dos transgênicos, cabe ressaltar que o Brasil é o segundo



maior país com crescimento da produção transgênica no mundo. Na edição de 23 de fevereiro de 2010, o jornal Folha de São Paulo divulga:

O Brasil ultrapassou a Argentina em 2009 e se tornou o segundo país que mais utiliza insumos e produtos agrícolas geneticamente modificados, atrás apenas dos Estados Unidos, de acordo com o Serviço Internacional para Aquisição de Aplicações em Agrobiotecnologia (ISAAA, na sigla em inglês).

Os Estados Unidos lideram, com 64 milhões de hectares, o total de terras destinadas à culturas transgênicas. No Brasil e na Argentina, a soja é o grão mais cultivado, no entanto, outras lavouras como o milho, apresentaram amplo crescimento em 2009. Apenas para a soja, 16,2 milhões de hectares foram destinados para a plantação da variedade transgênica. Segundo o presidente da ISAAA, Clive James, "o Brasil plantou no ano passado 21,4 milhões de hectares com produtos transgênicos, 100 mil hectares a mais do que a Argentina". (SÃO PAULO, 23 de fevereiro de 2010).

Como visto, o assunto trabalhado neste estudo não se restringe apenas a um estudo teórico no qual pouco se houve falar. Mais que isso, é um tema presente na vida da população mundial que precisa ser entendido e impulsionar o senso crítico das pessoas para os benefícios ou malefícios que esses OGM trazem à saúde humana.

2- Transgênicos, Benefícios ou Malefícios à Saúde?

Após quatorze anos de discussões e já inseridos no mercado de alimentos, ainda sim, os transgênicos permanecem no embate entre os que acreditam serem eles alimentos saudáveis e de rentabilidade social e os que divulgam a idéia de que os organismos modificados geneticamente prejudicam o mercado autônomo de agricultores e desencadeiam impactos ao meio ambiente.

Em entrevista fornecida ao Expresso Zica, em outubro de 2003, o especialista em biologia vegetal e professor titular do Instituto de Biologia da Unicamp, Mohamed Habib, exemplificou os efeitos negativos dos transgênicos com base no ocorrido na Argentina. Nesse país, os alimentos modificados geneticamente foram liberados há cerca de 7 anos e aproximadamente 130 mil agricultores perderam a posse de terras devido o aumento nos preços das sementes transgênicas, que são patenteadas por empresas transnacionais. Ou seja, isso implica em remessa de lucros para um grupo seleto de empresas, como a Monsanto, Novartis, Pioneer e Agrevo.

De acordo com Habib (2003), essa monocultura das sementes transgênicas faz com que poucos empresários permaneçam no mercado rural, pois cada safra representa dívidas em



royalties. Essas dívidas obrigam os agricultores a produzirem sementes próprias a partir das compradas. Assim, cria-se o ciclo de dependência, no qual as empresas citadas acima assumem o controle da produção de sementes, determinando elas saírem em vantagem nos preços competidos no mercado internacional.

No Brasil, a própria EMBRAPA tem, desde março de 2000, um contrato de licenciamento com a empresa internacional Monsanto para uso comercial de cultivares de soja transgênica. Aos produtores de sementes e parceiros da Embrapa cabe o pagamento de uma taxa pelo uso de tal tecnologia, protegida com amparo na Lei de Propriedade Industrial.

Além do oligopólio desvendado, os transgênicos ainda representam um fator de risco ao meio ambiente, de acordo com os conceitos de Mohamed Habib, da Organização não-governamental - ONG Greenpeace e da Executiva Nacional da Central Única dos Trabalhadores - CUT. O posicionamento baseado em explicações científicas decorre da possibilidade do aparecimento de ervas daninhas e de insetos resistentes aos agrotóxicos utilizados. Em outras palavras, os vegetais transgênicos criam organismos mutantes por causa de um agrotóxico chamado glisofato.

A soja transgênica foi criada para resistir a esse agrotóxico, porém as outras plantas morrem e a polinização dessa soja com células reprodutoras de outras plantas daninhas criam novas espécies resistentes ao agrotóxico de glisofato. Na Argentina, já existem 15 espécies de plantas daninhas resistentes ao glisofato, segundo o Dr. Mohamed Habib (2003).

A consequência dessas mutações é percebida na necessidade de usar herbicidas mais nocivos para eliminar as ervas mutantes. As pesquisas científicas constataram que o excesso do uso de herbicidas contamina o solo e ataca plantas, lençóis freáticos e rios. Portanto, na visão de parte dos cientistas e grupos de preservação ambiental, o uso de sementes transgênicas é uma regressão, e não um avanço.

No que diz respeito às mutações de insetos, assim como as ervas daninhas, eles se tornam mais resistentes porque desenvolvem mecanismos contra as toxinas utilizadas. Há também os insetos úteis aos seres humanos que não resistiram a essas toxinas, logo, comprometem a biodiversidade ecológica não somente da fauna, como também das próprias plantas. Elas poderão ter sua essência genética contaminada nos melhoramentos científicos realizados e afetarem a reciclagem de nutrientes e energias. O México é um exemplo claro disso, segundo alguns especialistas. Lá, o milho transgênico está eliminando as variedades selvagens e nativas de milho.

Na perspectiva de que as plantas transgênicas ajudam a combater a fome de bilhões de pessoas em trinta anos por causa do aumento da produtividade por fazendeiros de países



em desenvolvimento, como defendem Martho e Amabis (2004) e até mesmo a Organização para Agricultura e Alimentação da Onu (FAO), surgem contradições. Se esses autores dizem que os transgênicos são alternativas eficazes, a biotecnologia pode constituir-se em um extremamente importante fator adicional à produção agrícola e tornar-se o único modo de assegurar suficientemente o alimento para o próximo século. Aqueles pesquisadores contrários ao uso dos transgênicos defendem que essa ideia não passa de um mito, porque os transgênicos têm uma produtividade média de 5% a 10% menor que as sementes convencionais.

Considerando-se o posicionamento a favor da comercialização de produtos alimentícios modificados geneticamente, vale ressaltar que, segundo Freire (2002), os produtos transgênicos abrem novos horizontes, pois criam suportes para enfrentar os prejuízos causados à natureza, recompondo-a. Para o pesquisador da Embrapa, Emeleocípio Botelho de Andrade, especialista em melhoramento genético, o problema relacionado à aceitação dessas tecnologias prende-se ao fato de desconhecimento do público consumidor sobre o potencial de produção e inovação possíveis à sociedade por meio dos transgênicos. Andrade ressalta que “os cidadãos devem se sentir seguros sobre a aplicação desses alimentos até mesmo porque existe desde 1995 no Brasil uma Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CNTbio) que fiscaliza os projetos de melhoramento genético amparada nas leis e nos direitos dos cidadãos”.

Enfim, são vários os argumentos que legitimam os benefícios e os malefícios oriundos do consumo e da produção de alimentos transgênicos. Porém, não há um consenso entre os cientistas de uma opinião única favorável ou não ao consumo dos AGM. O que há, de fato, são opiniões divididas entre os que defendem a eficácia do uso desses alimentos e os que contestam a comercialização de transgênicos.

2.1- Como Identificar os Alimentos Transgênicos?

No sentido de dar maior clareza ao consumidor, este artigo mostra como identificar os alimentos transgênicos comercializados. Neles, há:

- Presença do símbolo de Transgênicos no painel principal, representado pelo triângulo equilátero amarelo com a letra T dentro. Quando a embalagem não é colorida, o triângulo pode ser preto com o fundo branco;



- Presença da frase “Produto produzido a partir de soja transgênica” ou “Soja transgênica” e “Contém soja transgênica”;
- Presença do nome da espécie doadora do gene no local reservado à identificação dos ingredientes.

Exemplos:



Divulgação Google



Divulgação Google

Nesse contexto, é importante destacar o papel do jornalista principalmente no que se refere à divulgação das informações consideradas essenciais para a identificação dos produtos transgênicos. O jornalista também precisa noticiar o que a ciência explica frente a um tema tão polêmico e de interesse da sociedade como um todo, uma vez que a informação é um bem público.

Segundo o Código de Ética para Jornalistas Ambientais, é dever do profissional da comunicação esclarecer ao público quanto as temáticas ambientais. E no caso dos transgênicos, divulgar as informações essenciais para a identificação dos produtos geneticamente modificados se torna notícia obrigatória. Sabe-se que, muitas vezes, a "massa" consumidora nem sabe o que são alimentos transgênicos. A rotulagem é importantíssima para que o consumidor tenha o direito de escolher o que consumir. É interessante refletir se é de interesse da indústria esclarecer essa informação ao consumidor.

A identificação dos produtos transgênicos deveria estar no rótulo da embalagem e bem legível. Antigamente, os alimentos transgênicos eram vendidos normalmente, sem identificação. Mas com o avanço da divulgação dos riscos destes produtos, a Agência



Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA instituiu que todos os produtos que contenham transgênicos em sua composição, apresentem as características de rotulagem.

3- A Relação entre Mídia e Ciência

A mídia está relacionada com qualquer assunto, pois é por ela que as notícias sobre quaisquer aspectos são agendadas e ganham visibilidade. Qualquer assunto científico e ambiental deve ser pautado e ganhar destaque nos *mass media* em virtude dos grandes benefícios que eles podem trazer à sociedade, como salienta a jornalista Teresa Urban no artigo “Um novo olhar da mídia sobre o meio ambiente”, disponível na internet:

A falta de informações sobre assuntos de meio ambiente nos meios de comunicação de massa dificulta enormemente a implementação de qualquer política de educação ambiental dentro das diretrizes estabelecidas pela resolução nº 02/85 do Conselho Nacional de Meio Ambiente.

A Mestre em Jornalismo Científico Maria Inês Migliaccio , no artigo “O Desafio Constante do Jornalismo Científico - Tarefa de Poucos para Muitos”, publicado em 1998, também explica a falta de esclarecimento do homem quanto aos assuntos científicos, como o transgênico. Para ela, “as conseqüências da ciência penetram de tal modo na vida cotidiana, que a maioria dos cidadãos talvez nem perceba sua relação com o silencioso trabalho de que resulta a conquista científica”.

É por isso que o jornalista precisa de espírito científico para pensar cientificamente e ter amor à verdade, sempre na busca de esclarecer assuntos tão complexos ao homem escolarizado e não escolarizado. Só assim o comunicólogo estará desenvolvendo a consciência crítica do leitor sobre a problemática ambiental e contribuindo para a democratização da informação. O próprio Código de Ética para Jornalistas Ambientais argumenta que é dever do jornalista:

- 1- Informar o público sobre as ameaças ao ambiente;
- 2- Esforçar-se para relatar diversos aspectos e assuntos relacionados com o meio-ambiente;
- 3- Permitir às pessoas recorrer à ação para proteger o meio-ambiente;



- 4- Acompanhar os perigos e as ameaças ambientais que cercam as pessoas e mantê-las informadas sobre as ações tomadas para resolver os problemas;
- 5- Tentar fazer reportagens que apresentem soluções possíveis aos problemas ambientais;
- 6- Não se influenciar por interesses comerciais, políticos, governamentais ou não governamentais, dando espaço a todos os lados envolvidos em todas as controvérsias ambientais que estiver cobrindo;
- 7- Manter o máximo de isenção possível, citar as fontes da informação e evitar o comentário especulativo ou alarmista, bem como a reportagem tendenciosa;
- 8- Promover a igualdade no acesso à informação e ajudar organizações e indivíduos a recebê-la;
- 9- Respeitar o direito à privacidade dos indivíduos que foram afetados por catástrofes ambientais, por desastres naturais e também quando assim desejarem, em qualquer caso;
- 10- Hesitar em corrigir uma informação que acreditava estar correta e na verdade estava errada, ou tentar mudar as opiniões públicas por meio de análises à luz de acontecimentos futuros.

O jornalista Roberto Villar (1997), no artigo *Jornalismo Ambiental - Evolução e Perspectivas*, fala sobre a carência de abordagens científicas e ambientais pela mídia.

A imprensa brasileira dificilmente trata dos problemas ambientais com profundidade na pauta das discussões públicas. As exceções são fruto de um esforço pessoal e isolado. O meio ambiente é manchete e ganha espaço e tempo na cobertura diária quando acontecem desastres, ou quando os assuntos repercutem no Exterior (...). A pauta ambiental ainda vem das agências internacionais.

A grande imprensa não desvenda a promiscuidade que existe entre os órgãos ambientais e as indústrias. Também evita debater temas brasileiros (...).

A abordagem acerca de questões relacionadas ao transgênico não é diferente. Verifica-se uma carência muito grande na cobertura midiática desse assunto. Grande parte da

sociedade consome produtos transgênicos e nem sabe que está consumindo, muito menos conhece os benefícios ou malefícios que eles podem ocasionar à saúde.

Vilar também argumenta que os grandes grupos de comunicação do país sabem que não podem ignorar a questão ambiental por uma questão de mercado. É por isso que fazem pequenas concessões, “abrindo janelas periféricas aqui e ali. No entanto, mantém o jornalismo ambiental com um status marginal”. Eis aí a grande missão dos jornalistas em reverter esse quadro e se atentar às questões científicas locais, que são pouquíssimo abordado pelos meios de comunicação.

Percebe-se que a sociedade brasileira não sabe que o Brasil é o segundo maior produtor de transgênico do mundo e os paraenses sequer tem conhecimento de como está a produção e o consumo desses alimentos manipulados no Pará e em regiões específicas do Brasil. Várias pessoas consomem os produtos transgênicos apenas pela boa aparência que possuem, sem se preocupar com a questão referente à saúde.

De acordo com o artigo “O que é ciência”, o jornalista é de extrema importância para a divulgação de assuntos como o transgênico, tendo em vista o seu papel como mediador das notícias entre as fontes e a sociedade como um todo. Nesse sentido, o comunicólogo assume também a função de educador e conscientizador frente aos ricos conteúdos científicos e ambientais. Mas para que isso ocorra, o jornalista não deve mais ser visto como o “ecochoato”. Se as abordagens forem interessantes, leves e bem explicadas, indubitavelmente essa visão se reverterá.

Wilson Bueno (2000) ressalta que o papel do jornalista é democratizar a informação, ou popularizar a notícia nas diversas mídias, considerando-se que está disponibilizando essa notícia para um público amplo e heterogêneo. Assim, os temas científicos e tecnológicos deixam de ter um público direcionado e exclusivo.

Pierre Gilles, ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1991, (citado pelo artigo “Jornalismo Científico: aspectos conceituais”) garante que a importância do jornalista científico e ambiental está na educação científica formal, porque futuramente as novas gerações terão que tomar decisões sobre os mais diversos temas que vêm, de certa forma ameaçando a humanidade.

O próprio José Marques de Melo (2005) chama atenção para o fato de que o jornalista deve, muito além de popularizar a informação ou democratizar o fato, despertar no leitor/telespectador o interesse pelos processos científicos e não apenas pelos fatos isolados e seus personagens.



De acordo com Villar, no artigo “Jornalismo Ambiental - Evolução e Perspectivas”, os *mass media* brasileiros tratam dos problemas ambientais com pouca profundidade e destaque. Na maioria das vezes o meio ambiente ganha pouquíssimo espaço e tempo na cobertura midiática. Por isso, nossa função de futuros profissionais da área da comunicação é sugerir pautas sobre os transgênicos, sobre o aquecimento global, sobre a poluição da água etc.

Villar (1997) concorda que “a reportagem de meio ambiente tem que ser ‘vendida’ como qualquer outra matéria. Deve ser novidade e de interesse público. A linguagem tem que ser simples”. Inclusive Maria Inês Migliaccio, no artigo “O desafio constante do Jornalismo Científico – tarefa de poucos para muitos, diz que

Por outro lado, o progresso da ciência depende direta ou indiretamente de que o público o compreenda, pois dele saem seus representantes encarregados de fazer as leis e traçar as políticas, inclusive a ciência. Cabe ao jornalista, mais do que ao homem de ciência, sua difusão ao grande público, pois a pesquisa e o trabalho científico que se dirigem a produção de conhecimento - função primária do cientista - exigem uma dedicação exclusiva e abrangente,

3.1- Como Escrever sobre Transgênico?

Escrever sobre transgênico ou sobre qualquer assunto científico não é tarefa fácil. Ainda mais quando a cobertura midiática hegemônica do Pará no geral, não consegue assumir a árdua tarefa de dissertar acerca da ciência.

É justamente pensando na carência de abordagens científicas e ambientais pela mídia que nosso propósito foi direcionado. Nós, jornalistas, como podemos escrever sobre transgênico conciliando a indispensável fusão entre aprofundamento da abordagem científica e fácil compreensão do assunto? Neste artigo, sugere-se seis técnicas para minimizar esse problema:

a) Se preparar bem para a entrevista e conhecer o básico do assunto. Só assim será possível fazer perguntas inteligentes e contestar informações equivocadas ou com pouca base científica sobre transgênico;

b) Fazer uma boa entrevista com o pesquisador ou especialista no assunto científico, pois só com a explicação detalhada do tema será possível aprofundar a abordagem e deixar o texto



mais leve e compreensível. Se a matéria for para televisão ou rádio, dizer antes da entrevista para o pesquisador ser objetivo, o mais claro possível e, quando falar termos técnicos, explicar o significado. Escolher especialistas que se expressem bem também é fundamental;

c) Fazer uso, em algumas partes da matéria, da função de linguagem metalinguística.

Essa função consiste em conceituar e definir o significado das palavras. Para isso, utiliza-se de sinônimos e explicações mais detalhadas e simples a respeito dos jargões utilizados pelos profissionais. Recomenda-se também, quando necessário, a inserção de um box contendo os termos técnicos mais difíceis da matéria e os seus respectivos significados;

d) Citar na matéria vários exemplos ligados ao cotidiano das pessoas. Os exemplos contribuem para a exemplificação prática e concreta da teoria de forma a fazer o leitor entender mais facilmente o assunto.

e) Utilizar fotografias, artes e imagens para esclarecer os exemplos de transgênicos discriminados na reportagem. As imagens ajudam o leitor ou o telespectador a fixar melhor o conteúdo e a diferenciar os alimentos transgênicos dos naturais;

f) Nunca se esquecer de apresentar as soluções para o problema, já que nossa função de jornalistas é, inclusive, de conscientizadores. Por exemplo, se o assunto da matéria for aquecimento global e o estudo do pesquisador não apresentar as soluções para o problema, uma saída para fazer uma boa matéria aproveitando a entrevista e as medidas de combate ao aquecimento da região é fazer um box com tópicos que esclareçam cada solução. Essa é uma saída também para deixar o leitor menos cansado em decorrência da grande extensão da reportagem.

No entanto, o bom jornalista científico, que sabe escrever bem sobre transgênico não é apenas aquele que tem domínio das técnicas jornalísticas, mas o que principalmente enxerga além da notícia. Para isso, é preciso ler mais, pesquisar mais e desconfiar mais das fontes que empurram notícias para os jornalistas, mesmo na área de ciência e tecnologia.



4- Considerações Finais

A pesquisa constatou que ainda existe uma divergência muito grande entre os pesquisadores e os cientistas a respeito dos benefícios e malefícios oriundos dos alimentos geneticamente modificados. Isso decorre do fato de não ser comprovado cientificamente se o transgênico faz bem ou mal à saúde humana e ao meio ambiente. É notável, inclusive, como a sociedade carece de informações sobre o assunto. Por isso, cabe aos jornalistas o rígido papel de esclarecer à sociedade questões referentes ao consumo dos transgênicos.

Para se chegar a esse fim, de modo a facilitar a compreensão do leitor sobre assuntos científicos e ambientais, o jornalista deve: a) Se preparar bem para entrevista e conhecer o básico do assunto; b) Fazer uma boa entrevista com o pesquisador ou especialista; c) Fazer uso, em algumas partes da matéria, da função e de linguagem metalingüística; d) Citar na matéria vários exemplos ligados ao cotidiano das pessoas; e) Utilizar fotografias, artes e imagens para esclarecer os exemplos de transgênicos; f) Nunca se esquecer de apresentar as soluções para o problema. Essas sugestões apresentadas na pesquisa contribuem para a qualidade do texto jornalístico e para a democratização da informação, tão essencial ao ser humano.

5- Referências Bibliográficas

ALVES, Rafael Moysés. **Transgênico: porque é um tema tão polêmico**, 2003.

BURKETT, W. **Jornalismo Científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia(orgs). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARTHO, Gilberto Rodrigues; AMABIS, José Mariano. **Biologia**. 2. ed.,v.3, São Paulo: Moderna, 2004.

HABIB, Mohamed. **O governo na arapuca dos transgênicos**. Jornal da Unicamp, 2003.

MIGLIACCIO, Maria Inês. **O desafio Constante do Jornalismo Científico**, 2008. Disponível em: <http://www.hotopos.com/videtur4/ines.htm>. Acesso em: 28 de mar de 2010.



URBAN, Teresa. **Um Novo Olhar da Mídia Sobre o Meio Ambiente**. Disponível em <http://www.comscientia-nimad.ufpr.br/2006/01/pontodevista/tereza_urban_um_novo_olhar.pdf]. Acesso em 25 de mar de 2010.

Transgênicos. Identidade, toxicidade e rotulagem sob o olhar da saúde pública. UFRJ. Disponível em <http://transgenicos-ufrj.blogspot.com/2008/07/como-identificar-os-alimentos.html>. Acesso em 3 de abr de 2010.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental**: evolução e perspectivas, 1997.

_____. **Relação entre jornalismo e cientista**: uma análise sobre o papel dos jornalistas e pesquisadores como uma parceria mais do que necessária, 2000.

_____. **Jornalismo Científico**: aspectos conceituais, 2003.